

A morte não é banal e A normalidade brasileira ataca outra vez - Carta

Categories : [Eco - Extras](#)

De Henrique M. Torres

Marcos Sá Correa e Sergio Abranches,

os seus textos ([A morte não é banal](#) e [A normalidade brasileira ataca outra vez](#)) sobre a morte estúpida do biólogo Eduardo Veadó e sua esposa me emocionaram duplamente. Primeiro, por tomar conhecimento do importante trabalho desse brasileiro, que foi interrompido tão bruscamente e cuja continuidade ficou em suspenso. Segundo, pela forma como ocorreram essas mortes. A pergunta sobre o caráter intencional desse crime é importante, porque isso significaria um atentado à atuação de cientistas que contrariam interesses de bandidos. Porém, se o atropelamento se provar 'accidental', em que isso muda, objetivamente? Seria mais fácil aceitar essa tragédia? Mesmo que não fosse intencional, a situação em que ocorreu o atropelamento - no acostamento, com o carro em alta velocidade e na contra-mão - evidenciam tudo, menos "acidente".

É preciso parar de falar em "acidentes" de trânsito, mas sim em "crimes". Há alguns anos atrás, durante um congresso de escritores de romances policiais na Inglaterra, fez-se uma pesquisa para saber qual seria o "crime perfeito". E ganhou, disparado, o atropelamento. Porque mesmo que seja intencional, é difícil provar. E, se a sociedade condena com veemência o assassinato de um ser humano, ela é complacente - a não ser, é claro, quando acontece com um ente querido - com as mortes violentas no trânsito. As pessoas valorizam mais a perda dos seus bens materiais do que uma vida que se perde dessa forma. Um favelado que rouba um celular é espancado pela polícia sob os aplausos quase unâimes dos passantes e da opinião pública, enquanto que um jovem rico que, dirigindo em alta velocidade, mata um homem que estava entrando em seu carro, é liberado pelo policial e ninguém acha isso anormal. Esses dois fatos aconteceram há poucos anos em Ipanema, Rio de Janeiro, no intervalo de alguns dias.

É importante que **O Eco**, além de denunciar os crimes ambientais, trate também desses crimes contra a vida humana, para que não se os aceite - como disse o Sergio - como banais nem toleráveis. Os crimes de trânsito e os ambientais têm em comum a preponderância da mercadoria sobre a vida. Enquanto que o crescimento econômico desregulado provoca a degradação do meio ambiente, no trânsito, a "mobilidade" a qualquer preço - e, mais especificamente, a "automobilidade" - produz mortes e ferimentos graves a cada dia, atingindo sobretudo os mais fracos no espaço viário: os pedestres e ciclistas. A força dessa analogia se reflete, inclusive, em uma das abordagens da segurança de trânsito, criada na Holanda: a "segurança sustentável". Ela consiste na recusa em passar às gerações futuras um sistema de circulação que produza mortos e

feridos graves.

Essas são algumas reflexões que me provocaram os artigos sobre essas mortes trágicas.

Parabéns ao **O Eco** pelos textos, e espero que continue a denunciar todo tipo de crime contra a espécie humana.

Um abraço